

**INFORMAMOS QUE ESTA É UMA PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO
APROVADO PARA PUBLICAÇÃO. ESTE ARTIGO AINDA PASSARÁ PELA
FASE DE REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO.**

ID: 3401

DOI: <https://doi.org/10.30962/ecomps.3401>

Recebido em: 28/04/2026

Aceito em: 14/09/2026

Escrita automatizada e prática jornalística: estruturas da notícia e limites da inteligência artificial generativa

Francisco Verri

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

Thais de Mendonça Jorge

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Resumo: Este artigo investiga os limites e as possibilidades da inteligência artificial generativa na produção de textos jornalísticos. O objetivo é compreender em que medida ChatGPT e Gemini reproduzem convenções da escrita noticiosa e atendem a exigências da prática profissional. Metodologicamente, comparam-se quatro textos gerados a partir do mesmo prompt, em contas anônimas e conectadas. Os resultados mostram elevada aderência à macroestrutura da notícia, mas também diferenças lexicais, reescrituras e acréscimos informacionais não fornecidos no comando. Conclui-se que a reprodução formal da notícia não equivale à realização de procedimentos jornalísticos de apuração, verificação e responsabilidade editorial.

Palavras-chave: Inteligência Artificial Generativa. Jornalismo automatizado. ChatGPT. Gemini.

Automated Writing and Journalistic Practice: News Structures and the Limits of Generative Artificial Intelligence

Abstract: This article investigates the limits and possibilities of generative artificial intelligence in the production of journalistic texts. It aims to understand the extent to which ChatGPT and Gemini reproduce conventions of news writing and meet the requirements of professional journalistic practice. Methodologically, four texts generated from the same prompt are compared, using anonymous and connected accounts. The results show a high degree of adherence to the macrostructure of news, as well as lexical differences, rewriting strategies, and

informational additions not provided in the prompt. The study concludes that reproducing the formal structure of news does not amount to carrying out journalistic procedures such as reporting, verification, and editorial responsibility.

Keywords: Generative Artificial Intelligence. Automated journalism. ChatGPT. Gemini.

Escritura automatizada y práctica periodística: estructuras noticiosas y límites de la inteligencia artificial generativa

Resumen: Este artículo investiga los límites y las posibilidades de la inteligencia artificial generativa en la producción de textos periodísticos. El objetivo es comprender en qué medida ChatGPT y Gemini reproducen convenciones de la escritura informativa y responden a las exigencias de la práctica profesional. Metodológicamente, se comparan cuatro textos generados a partir del mismo prompt, en cuentas anónimas y conectadas. Los resultados muestran una elevada adherencia a la macroestructura de la noticia, así como diferencias léxicas, estrategias de reescritura y agregados informativos no proporcionados en el comando. Se concluye que la reproducción formal de la noticia no equivale a la realización de procedimientos periodísticos como la reportería, la verificación y la responsabilidad editorial.

Palabras clave: Inteligencia Artificial Generativa. Periodismo automatizado. ChatGPT. Gemini.

Introdução

A emergência da Inteligência Artificial Generativa (IAG) reabriu um debate que ultrapassa o fascínio tecnológico e recoloca em primeiro plano questões estruturais da prática profissional. Embora a popularização de plataformas como ChatGPT e Gemini, ao final de 2022, tenha funcionado como marco de visibilidade do tema, a relação entre automação e jornalismo cresce na última década e se desenvolve em continuidade com experiências consolidadas de produção automática de textos, sistemas de geração de linguagem natural e uso de algoritmos em etapas específicas do processo produtivo (Cruz; Santaella, 2024). O que a inteligência artificial generativa faz, contudo, é ampliar essas tendências, ao tornar as ferramentas mais acessíveis, acelerar sua incorporação às rotinas profissionais e tensionar, de maneira mais aguda, os limites entre apoio técnico, mediação editorial, autoridade profissional e autoria jornalística (Canavilhas; Biolchi, 2024).

A IAG inscreve-se em um movimento de reconfiguração das mediações informacionais (Berti, 2024), no qual a produção e a circulação de conteúdo alteram critérios de autoridade, credibilidade e prática jornalística, reorganizando as disputas de validação da profissão. O fenômeno não se restringe, portanto, ao plano instrumental. Incide sobre diferentes etapas da atividade jornalística, da pauta e da apuração à edição e à veiculação. Nesse contexto, a capacidade de sistemas generativos produzirem textos fluidos, coerentes e formalmente próximos da notícia introduz uma questão que ultrapassa a eficiência da ferramenta: até que ponto reproduzir convenções textuais do jornalismo pode ser confundido com produzir jornalismo?. Berti (2024) observa que a inteligência artificial passou a integrar a rotina profissional, interferindo no processo desde a pauta à veiculação. A formulação impede o reconhecimento da automação como mera escrita automática de textos, identificando que os efeitos atravessam diferentes níveis da atividade jornalística.

É neste horizonte que se inscreve a pesquisa, buscando compreender como sistemas de IAG materializam, em produtos textuais, convenções legitimadas da escrita jornalística. Parte-se do pressuposto de que a notícia não se define apenas por sua forma textual, mas por uma cadeia de procedimentos profissionais que envolve apuração, verificação, hierarquização, atribuição de fontes, contextualização e responsabilidade pública sobre aquilo que se publica. O estudo busca observar empiricamente a relação entre essas duas dimensões. Para isso, analisa comparativamente quatro textos noticiosos produzidos por ChatGPT e Gemini, em condições distintas de acesso, a partir de um mesmo prompt e de uma base factual delimitada, segundo a estrutura convencional da notícia. A proposta quer observar como sistemas opacos e probabilísticos organizam informações fornecidas pelo usuário, reproduzem convenções do jornalismo informativo e eventualmente acrescentam dados não presentes no comando inicial.

Parte-se de duas hipóteses. A primeira é a de que haverá diferenças entre os textos gerados pelas plataformas, inclusive respostas produzidas em uma mesma plataforma sob condições distintas de acesso, uma vez que histórico de uso, personalização e formas de interação podem incidir sobre a resposta gerada. A segunda é a de que, apesar dessas diferenças, haverá proximidade na macroestrutura dos textos, tendo em vista que o comando aplicado exige uma organização em pirâmide invertida. Mais do que identificar diferenças entre sistemas,

contudo, o experimento permite discutir em que medida a conformidade formal com a notícia corresponde às exigências profissionais que sustentam sua produção. O artigo organiza-se em seis seções: 1) o lugar da inteligência artificial generativa no jornalismo; 2) relações com as práticas jornalísticas; 3) procedimentos técnicos; 4) hipóteses e critérios analíticos; 5) análise dos textos produzidos; e 6) achados e implicações para o jornalismo.

IAG: o lugar do jornalismo

A centralidade recente da Inteligência Artificial Generativa no debate sobre jornalismo decorre da capacidade desses sistemas de simular, com elevado grau de naturalização, formas expressivas reconhecidas como próprias da escrita jornalística. A questão decisiva, portanto, não está apenas no fato de que algoritmos passaram a produzir textos, mas em que tais textos, cada vez mais coesos e formalmente convincentes, aproximam-se da superfície discursiva da notícia e tornam menos evidente a distinção entre elaboração linguística e trabalho jornalístico propriamente dito. Não se trata de saber se a máquina escreve, e, sim, de interrogar em que medida a produção automatizada pode ser tomada, equivocadamente, como equivalente ao exercício da prática jornalística (Ioscote, 2024).

Sob esse prisma, a IAG desloca o debate para o terreno da forma textual e da credibilidade enunciativa. Ao produzir respostas fluidas, bem encadeadas e compatíveis com convenções reconhecíveis da notícia, esses sistemas projetam um efeito de competência que pode obscurecer os limites do processo que lhes dá origem. Capazes de produzir textos e imagens a partir de comandos em linguagem natural, operam por meio do processamento probabilístico de sequências linguísticas, o que lhes permite gerar respostas coerentes, estáveis e discursivamente plausíveis (Cruz; Santaella, 2024). A característica aproxima o debate jornalístico da crítica contemporânea aos grandes modelos de linguagem. Bender *et al.* (2021), ao discutirem os riscos dos chamados “papagaios estocásticos”, chamam atenção para programas que reproduzem sequências linguísticas plausíveis em larga escala, sem compreensão efetiva dos conteúdos que recombina nem das implicações sociais associadas à sua circulação. A fluidez textual não pode ser confundida com apuração, a coerência discursiva

não equivale à verificação e a aparência de completude narrativa não garante correspondência factual. A escrita gerada por IAG precisa ser analisada pelos riscos que produz quando converte probabilidade linguística em pseudoinformação confirmada.

O que está em jogo é a realização de operações cognitivas, editoriais e profissionais que excedem a dimensão estrita do texto (Ioscote, 2024). É ainda mais importante quando se considera que a escrita jornalística, sobretudo em formatos mais padronizados, sempre apresentou elementos suscetíveis à sistematização. Estruturas como o lide e formatos de notícia baseados em dados organizados favorecem experiências de automatização parcial, conforme estudo anterior de Verri (2025), sobretudo em coberturas eleitorais, nas quais a disponibilidade de informações padronizadas propicia a geração computadorizada de textos.

A escrita automatizada de notícias, contudo, não surge com a Inteligência Artificial Generativa. Antes da popularização de sistemas como ChatGPT e Gemini, experiências de jornalismo automatizado vinham sendo desenvolvidas por meio de modelos baseados em bases de dados estruturadas, geração de linguagem natural, templates narrativos e rotinas algorítmicas aplicadas a áreas como esportes e meteorologia (Dalben, 2018). Ao cartografar o jornalismo automatizado como rede sociotécnica, reitera-se que a redação de notícias por robôs envolve articulações entre dados, sistemas, empresas, jornalistas e formas específicas de trabalho informativo, devendo-se considerar a contínua evolução da produção jornalística.

A diferença contemporânea reside no fato de que os grandes modelos de linguagem ampliaram a autonomia da máquina, justo porque passaram a produzir textos mais coesos e próximos da linguagem ordinária. Como consequência, torna-se menos evidente, para o público — e por vezes para os próprios ambientes profissionais —, a distância entre simulação linguística e juízo jornalístico, isto é, entre a elaboração convincente de enunciados e a efetiva realização das operações interpretativas, verificadoras e editoriais que sustentam a prática jornalística (Ioscote, 2024).

A força dos sistemas reside, em grande medida, na sua capacidade de simular com alto grau de eficiência a superfície discursiva do texto jornalístico (Cruz; Santaella, 2024). Seu limite aparece quando se exige da máquina aquilo que constitui o núcleo duro da atividade profissional: a interpretação situada, a verificação rigorosa, a hierarquização editorial, a

contextualização do acontecimento e a assunção pública de responsabilidade sobre o que se estampa. Para Berti (2024, p. 75), ao imitar o pensamento humano, a IA vai além:

Busca não apenas compreender, por meio de dispositivos não humanos, mas também construir entidades inteligentes, sendo que os sistemas gerados podem ter dois tipos com base em racionalidade e em pensamento: a abordagem humana e a abordagem ideal. A primeira, traz sistemas de I.A. que pensam e agem como humanos. A segunda base traz sistemas com pensamento e atos racionais, independente do humano e ampliando o humano.

A chave interpretativa permite evitar duas armadilhas recorrentes no debate contemporâneo. A primeira delas é a leitura, segundo a qual a inteligência artificial decretaria, inevitavelmente, o fim do jornalismo enquanto prática socialmente reconhecida. A segunda, situada no extremo oposto, é a percepção instrumental ingênua, que reduz a inteligência artificial a um conjunto de facilidades técnicas neutras, como se sua incorporação às redações não produzisse efeitos sobre a autoridade informativa, a credibilidade dos meios e os próprios critérios de validação da notícia (Cruz; Santaella, 2024). O debate mais consistente desloca-se para outro plano analítico: em vez de perguntar se o jornalismo será eliminado, importa compreender em que condições ele vem sendo reconfigurado e quais dimensões de sua prática podem ser delegadas a sistemas automatizados sem que se perca aquilo que historicamente lhe confere legitimidade social.

É nesta direção que Canavilhas e Biolchi (2024) observarem que a incorporação de sistemas não humanos agrava um impasse central ao jornalismo contemporâneo: a crise de credibilidade. Para eles, a opacidade algorítmica compromete a confiabilidade do produto jornalístico, na medida em que torna menos visíveis a origem dos dados mobilizados, parâmetros de funcionamento dos sistemas, critérios de decisão inscritos no processamento e o grau efetivo de intervenção humana no produto jornalístico. O jornalismo é atividade legitimizada por valores duradouros e normatizações que pregam a responsabilidade pública e o compromisso com a verdade (Verri; Jorge, 2023), os quais, neste momento, convivem com plataformas que incidem sobre o próprio estatuto de confiabilidade da notícia, tendo consequências sobre as bases que sustentam a manutenção de vínculos de confiança entre meios e públicos (Canavilhas; Biolchi, 2024).

Para os autores (2024), elementos como a origem dos dados, a orientação editorial seguida pelo algoritmo e a percentagem de intervenção humana condicionam a interpretação dos fatos relatados. A análise desenvolvida demonstra que os meios de comunicação, diante da ausência de legislação específica para o uso da IA no jornalismo, passaram a formular diretrizes internas voltadas à orientação de suas redações. A questão passa a se afirmar como matéria editorial e ética. Informar sobre o uso da inteligência artificial, explicitar responsabilidades e delimitar as condições concretas de sua utilização convertem-se em formas de recompor vínculos de confiança com o público e de restituir inteligibilidade aos processos produtivos em um cenário crescentemente automatizado (Canavilhas; Biolchi, 2024).

Outro aspecto central diz respeito à natureza proprietária das plataformas analisadas. ChatGPT e Gemini pertencem a empresas privadas cujos modelos, bases de treinamento, critérios de filtragem, parâmetros de ranqueamento e formas de personalização carecem de transparência. Essa opacidade é técnica, econômica e política. Os sistemas de IAG são desenvolvidos em um ambiente marcado por concentração privada de infraestrutura, disputa por dados, métricas de produtividade, perfilamento de audiências e extração de valor a partir de grandes volumes de conteúdo cultural e informativo, entre os quais se encontra o próprio trabalho jornalístico (Bender *et al.*, 2021; Santos, 2025). As ferramentas participam de uma cadeia que redefine formas de produção e apropriação da informação, o que pode representar que os mesmos conteúdos profissionais que ajudam a treinar modelos generativos, posteriormente, sejam recombinaados por sistemas privados em produtos textuais que simulam a forma da notícia.

IA e práticas jornalísticas

A discussão sobre inteligência artificial exige, antes de tudo, delimitar o estatuto da notícia: não se reduz a uma forma textual reconhecível, nem à disposição convencional de elementos jornalísticos. A notícia é produto de um processo profissional que transforma acontecimentos em informação pública por meio de procedimentos de apuração, seleção, hierarquização, contextualização e atribuição de compromisso editorial. Como observam

Kovach e Rosenstiel (2021), o primeiro compromisso do jornalismo é com a verdade, e sua disciplina central é a verificação. Essa formulação permite diferenciar o texto jornalístico de uma produção apenas verossímil: enquanto a notícia se sustenta em procedimentos de confirmação e confronto com a realidade empírica, a escrita gerada por IAG pode produzir coerência discursiva, fluidez narrativa e aparência factual sem necessariamente realizar as operações profissionais que conferem legitimidade à informação jornalística.

Consequência das transformações sociotécnicas nos últimos anos, o jornalismo automatizado se inscreve como um processo que atravessa e reconfigura rotinas produtivas, competências profissionais e discute a própria legitimação da profissão. A competência é caracterizada por incorporar sistemas algorítmicos ao interior da prática jornalística, alterando a forma como as notícias são encontradas, organizadas, redigidas, distribuídas e validadas (Verri, 2025). Em contextos marcados por alta demanda de velocidade, fluxo contínuo de atualização e manipulação de grandes volumes de dados, a automação apresenta-se como resposta operacional (Diakopoulos, 2019). Contudo, ao mesmo tempo em que amplia a capacidade produtiva numérica das redações, introduz tensões em torno de elementos como autoria, criatividade e transparência.

Essa transformação se manifesta, em primeiro lugar, na reorganização da divisão do trabalho nas redações. Se, no modelo clássico, a notícia tende a resultar de um encadeamento entre pauta, apuração, redação, edição e publicação, no jornalismo automatizado parte dessas etapas é deslocada para sistemas programados (Diakopoulos, 2019). Verri (2025) demonstra que o uso de algoritmos torna possível produzir, em larga escala e em tempo real, textos noticiosos baseados em dados estruturados. O que se observa, nesse caso, é uma redistribuição de funções no interior do processo produtivo: a programação passa a ocupar lugar decisivo na produção do texto, enquanto o jornalista, supostamente, tende a atuar em tarefas suplementares, como conferência, supervisão e eventual revisão final. O centro da prática profissional migra para uma lógica híbrida em que a máquina processa e organiza dados segundo padrões definidos, ao passo que o humano intervém como instância de controle, validação e legitimação editorial (Verri, 2025).

Lindén (2018) observa que a automação da produção corresponde a uma transformação intensa das práticas profissionais, na medida em que tarefas antes desempenhadas por jornalistas passam a ser codificadas em regras e executadas por softwares. O autor chama a atenção para o fato de que o jornalismo automatizado combina algoritmos, dados e sistemas em processos que afetam a descoberta, apresentação, organização e circulação das matérias. Desse modo, a redação perde exclusividade como espaço de produção humana e incorpora dispositivos técnicos que executam rotinas, selecionam informações e simulam procedimentos da escrita noticiosa. O resultado é a inserção do jornalista em uma nova ecologia produtiva, na qual as práticas profissionais passam a depender, de maneira crescente, da articulação entre competências redacionais e raciocínio computacional (Lindén, 2018).

Não por acaso, há tarefas que se mostram mais suscetíveis à automatização. Estas são repetitivas, estruturadas e baseadas em dados organizados, como resultados eleitorais e estatísticas esportivas. Nesses casos, a automação revela eficiência em reproduzir informações, não necessariamente sobre estruturas e bases jornalísticas, mas validando a rapidez e a divulgação em grande escala (Lindén, 2018). Verri (2025) mostra que o jornalismo automatizado oferece às empresas jornalísticas a possibilidade de responder a demandas de cobertura massiva que seriam difíceis de cumprir somente com trabalho humano, especialmente em eventos nacionais e simultâneos, como eleições.

Todavia, a mesma característica que assegura eficiência operacional também produz limitações importantes do ponto de vista profissional. A notícia automatizada tende a se organizar por moldes fixos, com baixa variação estilística, repetição de estruturas de lide e predomínio de frases previamente montadas, que apenas recebem novas inserções de nomes, números e resultados (Verri, 2025). Há, nesse processo, uma compressão das margens de criatividade, nuance e singularização do acontecimento. O texto automatizado cumpre com relativa eficiência a função de transmitir informações, mas encontra maior dificuldade para construir uma narrativa que ultrapasse o nível mais imediato da factualidade. A sua tendência é reforçar uma notícia de transmissão objetiva e breve, porém menos capaz de contextualizar, interpretar e explorar a densidade social do fato noticiado (Verri, 2025).

Zandomênicó (2022) sustenta que, embora os algoritmos possam redigir com agilidade e precisão formal, estes não levantam dúvidas, não aprofundam a comunicação nem entrevistam pessoas como os humanos. A prática jornalística não se esgota em organizar linguisticamente fatos disponíveis; envolve investigação, confronto de versões, escuta de fontes, percepção de ambiguidades e capacidade de suspeitar da informação recebida. Na mesma direção, Lindén (2018) ressalta que o jornalismo não opera integralmente como um conjunto estável de regras formalizáveis. Embora existam rotinas, convenções, critérios e padrões textuais, parte significativa do trabalho jornalístico é sustentada por conhecimento tácito, improviso, negociação e julgamento contextual.

O autor (2018) recorre à noção de conhecimento tácito para enfatizar que os jornalistas sabem mais do que conseguem sistematizar em instruções claras quando precisam decidir sobre relevância, enquadramento, abordagem e oportunidade de publicação. Essa característica impede que o jornalismo seja plenamente convertido em um conjunto de comandos lineares executáveis por algoritmos, sobretudo nas situações complexas, ambíguas ou eticamente sensíveis. Se a automação consegue reproduzir procedimentos mecânicos e previsíveis, ela encontra obstáculos quando confrontada com as zonas menos codificáveis da prática profissional, justamente aquelas em que se manifestam discernimento, reflexividade e responsabilização editorial (Lindén, 2018).

Procedimentos técnicos

A pesquisa estrutura-se por meio de um procedimento comparativo e exploratório entre textos jornalísticos gerados por sistemas de IAG em condições de uso definidas. Não é um experimento controlado em sentido estrito, uma vez que sistemas como ChatGPT e Gemini operam por modelos probabilísticos, dinâmicos e parcialmente opacos, cujos processos internos de geração textual não podem ser plenamente controlados pelo pesquisador (Bender *et al.*, 2021). O que se busca é padronizar as condições iniciais da interação — plataforma utilizada, tipo de conta, prompt (comando) e conjunto de informações fornecidas — para observar como, a partir de um mesmo comando, diferentes sistemas organizam, hierarquizam e expandem

dados segundo convenções reconhecíveis da escrita jornalística. A noção de padronização não elimina a instabilidade da produção generativa. Ao contrário, parte-se do reconhecimento de que a variação das respostas é constitutiva do objeto. Por isso, as diferenças entre os textos não são tratadas como ruído metodológico, porém como indícios relevantes do modo como sistemas operam: reorganizando dados, recombinao padrões discursivos e, em alguns casos, produzindo inferências ou acréscimos informacionais não autorizados pelo material de origem.

O experimento foi conduzido as plataformas de IAG voltadas à produção textual: ChatGPT e Gemini. Em cada uma, foram realizados dois testes em condições diferentes de acesso, totalizando quatro gerações textuais. No primeiro caso, utilizou-se uma conta anônima, sem vínculo de personalização; no segundo, uma conta conectada, isto é, vinculada a histórico de uso e a camadas adicionais de personalização do sistema. O procedimento foi replicado nas duas plataformas, de modo que o corpus analítico foi constituído dois textos produzidos em contas anônimas, um em cada sistema, e dois em contas conectadas, também em cada um deles.

Por conta anônima entende-se a utilização da plataforma sem login ou sem vínculo identificável com histórico de uso, memória conversacional ou personalização ativa. Por conta conectada, compreende-se o uso da plataforma a partir de perfil logado, potencialmente associado a histórico de interações, preferências de uso, configurações do sistema e demais camadas de personalização. Essa distinção é relevante porque tais elementos podem interferir na resposta gerada, ainda que o grau dessa interferência não seja integralmente observável pelo pesquisador. A comparação entre conta anônima e conta conectada não pretende isolar completamente a variável “personalização”, mas examinar se diferentes condições de acesso produzem variações textuais perceptíveis na organização da notícia. A adoção do mesmo comando para os testes teve a função de reduzir interferências externas e possibilitar uma observação mais rigorosa das diferenças estruturais, estilísticas e informacionais entre os produtos gerados. A variável principal refere-se a forma como cada sistema, sob diferentes condições de acesso, organizou e apresentou o fato segundo uma estrutura jornalística convencionada.

O comando empregado repetiu-se, preservado integralmente para garantir equivalência experimental. O prompt utilizado foi o seguinte:

Olá,¹

Escreva uma notícia, dentro de uma estrutura convencionada pelo jornalismo, constando título, linha fina, lide, sublide e no formato de pirâmide invertida. O texto deve conter quatro parágrafos e incluir a citação e informações abaixo: Acidente deixa dois mortos na BR-153 no trecho de Marília. Os mortos eram duas mulheres. Uma de 40 anos e outra de 37. O veículo caiu num barranco. A Polícia Rodoviária suspeita que a motorista dormiu no volante. A Triunfo Transbrasiliana foi acionada às 03:30 no domingo de páscoa. Citação: “Ao chegarmos à ocorrência, deparamos com as vítimas ejetadas do veículo. O automóvel encontrava-se a cerca de 30 metros da estrada, com as rodas para cima. As mulheres não possuíam sinais vitais” – Maurício Ramos, socorrista da pedagiadora.

A escolha desse prompt obedece a uma lógica metodológica precisa. Em vez de solicitar apenas um texto livre ou uma resposta genérica sobre o acontecimento, o comando exige dos sistemas a produção de uma notícia jornalística dentro de uma forma pactuada pela tradição profissional, mobilizando categorias clássicas da redação noticiosa. Ao mesmo tempo, oferece um conjunto delimitado de dados factuais e uma citação direta, o que permite observar como cada sistema organiza hierarquicamente as informações, as distribui ao longo do texto, incorpora a fala da fonte e aciona convenções narrativas do jornalismo informativo. O experimento busca verificar se a inteligência artificial escreve uma notícia e como ela simula a prática jornalística ao ser confrontada com exigências formais e informacionais típicas da profissão.

Análise

A análise dos textos gerados não se orienta por uma lógica de verificação de acertos e erros factuais. Embora a identificação de informações não presentes no prompt seja fundamental, o problema central está em compreender como a IAG simula a forma jornalística e produz efeito de credibilidade por meio de recursos linguísticos reconhecíveis. Os textos são

¹ Os dados foram inventados a fim de não permitir que os algoritmos encontrem informações que poderiam influenciar o desenvolvimento da notícia.

examinados como produtos instáveis, resultantes de operações probabilísticas que preservam convenções da notícia. A questão analítica reflete em como transformaram uma base factual limitada em narrativa jornalística aparentemente completa.

Por meio dos textos gerados (em apêndice), observou-se, uma expressiva aderência à macroestrutura formal solicitada no prompt, o que evidencia a capacidade dos sistemas em reproduzir convenções elementares de composição. Todos apresentam título formulado em um padrão reconhecível de notícia (Quadro 1), sintetizando o acontecimento central e antecipando as informações necessárias à identificação do fato narrado. Também se verifica a presença de linha fina, com exceção daquele produzido pelo Gemini.

Quadro 1 – Título e linha fina desenvolvidos pela IAG

Acidente na BR-153 deixa duas mulheres mortas em Marília

Veículo caiu em barranco na madrugada de domingo de Páscoa; suspeita é de que motorista tenha dormido ao volante. (ChatGPT janela anônima)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os títulos produzidos seguem, com pequenas variações lexicais, uma estrutura sintática próxima ao padrão sujeito + verbo + predicado, característica recorrente no jornalismo brasileiro. Já as linhas finas mantêm função complementar, expandindo ou detalhando o enunciado principal do título com as circunstâncias do fato. O conjunto preserva um padrão estilístico convencional, orientado pela síntese, clareza e hierarquização inicial da notícia. No desenvolvimento textual, registrou-se integralmente a presença do lide e do sublide e se nota a incorporação da citação fornecida no comando em parágrafo específico. Tais elementos permitem afirmar que, do ponto de vista da composição macroestrutural, os sistemas analisados responderam com elevado grau de proximidade às convenções explicitamente demandadas,

preservando os componentes formais mais visíveis da notícia, ainda que com pequenas variações entre plataformas e condições de acesso. Assim, no que se refere à abertura do texto, responde-se de maneira satisfatória às perguntas elementares que organizam a notícia convencional — o quê, quem, onde, quando, como e por quê. O acontecimento é apresentado com clareza, as personagens envolvidas são identificadas, o local e o momento do fato são indicados, a dinâmica do acidente é sinteticamente exposta e a hipótese causal aparece vinculada à suspeita de que a motorista teria dormido ao volante. Ainda que a distribuição dessas informações varie há, em todos os casos, uma organização compatível com a lógica da pirâmide invertida, na qual os dados mais relevantes são concentrados no início do relato, estruturando a inteligibilidade do acontecimento.

A citação fornecida no prompt foi incorporada em todos os textos analisados, sempre posicionada ao final do terceiro parágrafo, o que revela elevado grau de regularidade na organização interna da notícia e uma tendência à estabilização do lugar da fala da fonte no interior da narrativa. O posicionamento reforça a função da citação como elemento de corroboração do fato, servindo como identificação do leitor com pessoas reais. Além disso, todos os materiais apresentam um movimento de fechamento no quarto parágrafo, retomando ou complementando as informações centrais do caso e concluindo o relato dentro da lógica informativa esperada para a notícia convencional.

Observa-se que nenhum dos textos se limita à reprodução mecânica das palavras presentes no prompt, embora preservem com fidelidade o núcleo informativo solicitado. As respostas recorrem a escolhas vocabulares próprias, reorganizam sintagmas, reformulam passagens e constroem frases que ultrapassam a mera transposição do enunciado original, o que evidencia um movimento de reescritura e expansão textual. Em vez de apenas repetir os dados fornecidos, os sistemas os reelaboram segundo estratégias linguísticas distintas, produzindo notícias que, embora assentadas sobre a mesma base factual, apresentam formulações específicas no modo de narrar o acontecimento.

É mais relevante quando observada dentro da mesma plataforma. Os textos não seguem uniformidade absoluta no uso das palavras e na composição das frases. Há diferenças perceptíveis na seleção lexical, na ordem de apresentação dos dados, na forma de encaixe da

citação e na construção das transições entre os parágrafos, ainda que todos mantenham as informações pedidas e respeitem, em maior ou menor grau, a estrutura solicitada. Isso indica que a proximidade macroestrutural entre os produtos não elimina variações microtextuais importantes, revelando que sistemas e condições de acesso diversos podem preservar o conteúdo essencial do prompt sem, contudo, reproduzi-lo da mesma maneira no plano discursivo, como pode ser identificado nos Quadros 2 e 3. Na coluna da esquerda mostra-se o texto original; na da direita, o fenômeno observado.

Quadro 2 - Diferenças lexicais entre os textos produzidos pelo Gemini
(conta anônima)

De acordo com informações das autoridades de trânsito	Omissão. A autoridade de trânsito mencionada no prompt era a Polícia Rodoviária.
o impacto foi severo	Opinião. Não consta no prompt a qualificação do impacto.
distância considerável	Opinião. Não consta no prompt a qualificação da distância.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 3 - Diferenças lexicais entre os textos produzidos pelo Gemini
(conta conectada)

A Polícia Rodoviária trabalha com a suspeita principal de que a motorista tenha dormido ao volante, perdendo o controle da direção antes da queda.	Acréscimo. Inferência. O dado de que a motorista perdeu o controle do veículo não consta do prompt.
o impacto foi severo	Opinião. Não consta no prompt a qualificação do impacto.
distância considerável	Opinião. Não consta no prompt a qualificação da distância.

Equipes de resgate e perícia técnica foram mobilizadas para realizar os procedimentos de segurança e a retirada dos corpos.	Acréscimo. Inferência. Não constam no prompt menções às equipes de resgate nem à perícia técnica.
---	---

Fonte: Elaborado pelos autores.

Cabe ressaltar que os resultados parciais não devem ser interpretados como sinal de que faltariam apenas ajustes técnicos para que sistemas de IAG produzissem jornalismo em sentido pleno. O que evidencia é a distância entre a reprodução da forma jornalística e a realização da prática jornalística. As plataformas são capazes de engendrar os elementos de modo convincente; contudo, quando introduzem inferências, qualificações ou informações não fornecidas, tornam visível que operam segundo padrões de plausibilidade discursiva. A aparência de notícia não é garantia de jornalismo, mas uma simulação formal que pode ocultar a ausência de verificação. Isso pode ser observado quando se verifica que a construção textual se diferencia em todas as tentativas analisadas, sem que se observe a repetição mecânica de um padrão fixo e exclusivo de cada sistema de inteligência artificial. Ainda que algumas palavras ou expressões se repitam entre os materiais — o que é esperado em razão da identidade do fato narrado e da manutenção do mesmo núcleo informativo —, os textos apresentam composições sintáticas próprias, ordens de apresentação de informações e formulações variadas na articulação entre os parágrafos. Isso significa que as respostas não se organizam a partir de uma matriz redacional absolutamente rígida, mas revelam variações internas que atravessam a geração de conteúdo, inclusive quando produzidas na mesma plataforma.

A diferenciação também se manifesta no acréscimo de informações, inseridas de maneira desigual. Embora todos preservem os elementos centrais fornecidos no prompt, alguns materiais ampliam a narrativa com explicações adicionais, reiteraões circunstanciais, qualificações do cenário ou detalhamentos do atendimento realizado, ao passo que outros optam por formulações mais enxutas e estritamente aderentes ao comando inicial. Em consequência, a distinção entre as tentativas não se limita ao vocabulário empregado, mas alcança também o

modo como cada sistema expande o acontecimento para além do enunciado original, produzindo graus variados de complementação informativa mesmo quando parte de um mesmo conjunto factual.

Ainda, há uma problemática relevante que atravessa o conjunto dos textos analisados: em diferentes tentativas, os sistemas acrescentam informações que não estavam presentes no prompt e que, portanto, não podem ser confirmadas a partir do material originalmente fornecido. Esse movimento evidencia que a escrita automatizada não se limita a reorganizar os dados disponibilizados, e tende, em certos momentos, a preencher lacunas narrativas com formulações inferidas ou produzidas pelo próprio sistema. O procedimento é especialmente sensível, porque rompe com um princípio elementar da prática profissional, segundo o qual a notícia deve se apoiar em informações verificadas, atribuídas e confirmadas. Quando a IA introduz elementos não assegurados pelo comando inicial, produz-se um deslocamento da narrativa do campo da informação para o campo da suposição textualizada, o que compromete a confiabilidade do produto final.

O problema é ainda mais grave porque essas informações acrescidas aparecem sob a mesma aparência de legitimidade das demais, sem qualquer marcação explícita de incerteza, hipótese ou ausência de confirmação. Em outras palavras, o texto incorpora conteúdos não comprovados com a mesma fluidez e segurança enunciativa com que apresenta os dados efetivamente informados no prompt, dificultando a percepção, por parte do leitor, do que foi fornecido e do que foi produzido autonomamente pelo sistema. A problemática não reside no erro factual eventual, porém no modo como a inteligência artificial simula completude informativa e coerência jornalística mesmo quando opera para além da base empírica disponível. Reforça-se a necessidade de supervisão rigorosa, validação humana e controle editorial permanente, uma vez que a consistência formal do texto pode ocultar a introdução de conteúdo sem confirmação, como pode ser observado no excerto abaixo (Quadro 4).

Quadro 4 – Trecho produzido pelo Gemini (conta conectada)

Os corpos foram encaminhados ao Instituto Médico Legal (IML) de Marília para os exames de necropsia e identificação oficial. O trânsito na região não sofreu interrupções significativas durante o atendimento, e a Polícia Civil deve abrir um inquérito para confirmar as causas definitivas da tragédia.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A análise dos textos evidencia um problema metodológico no material gerado pelo Gemini. Em uma das respostas, o sistema não se limitou a reorganizar os dados fornecidos no prompt: acrescentou informações que não estavam presentes no conjunto factual originalmente disponibilizado (“Os corpos foram encaminhados...; o trânsito não sofreu...”) que, por essa razão, não poderiam ser tratadas como confirmadas. A gravidade da ocorrência está no fato de que esses acréscimos não aparecem sinalizados como hipótese, possibilidade ou inferência, sendo incorporados ao corpo da notícia com a mesma segurança enunciativa das informações efetivamente fornecidas. Desse modo, o Gemini projeta sobre o texto uma aparência de completude factual e de fechamento narrativo que pode induzir à falsa percepção de que todos os elementos relatados derivam de apuração ou de base informativa comprovada.

Jornalisticamente, trata-se de uma questão substantiva, porque compromete a separação entre informação dada, informação verificada e conteúdo autonomamente produzido. O caso revela uma limitação estrutural da escrita automatizada: a tendência de preencher lacunas narrativas com conteúdos plausíveis, porém não confirmados, convertendo fluidez discursiva em simulacro de apuração. A supervisão editorial humana se mostra indispensável, uma vez que a correção formal e a coesão textual podem ocultar a produção de informações sem lastro empírico no material de origem.

O caso mencionado não constitui ocorrência isolada. Funciona como exemplo mais visível de uma tendência observada nas duas experiências realizadas com o Gemini. Em ambas, identificou-se a introdução de informações que extrapolavam os dados efetivamente fornecidos

no prompt, o que indica uma inclinação do sistema a expandir o acontecimento com elementos narrativos não confirmados. Ainda que tais acréscimos variem em grau e conteúdo, o problema de fundo permanece o mesmo: a IA ocupa lacunas informativas com formulações próprias, produzindo um efeito de completude jornalística que não decorre de apuração real, mas de elaboração textual automatizada. Essa recorrência reforça que a criação de informação não confirmada não deve ser lida como desvio pontual, e sim como traço relevante do comportamento observado no experimento, exigindo atenção crítica redobrada quanto ao uso desses sistemas na produção de textos jornalísticos.

Nas duas experiências realizadas com o ChatGPT, também se observou acréscimo de informações para além do que estava literalmente expresso. Diferentemente do Gemini, porém, esses elementos adicionais mantiveram relação direta com o conteúdo, que poderiam ser deduzidos a partir das informações fornecidas, funcionando como expansões plausíveis do acontecimento narrado. Isto é, o sistema operou com inferências textuais que, embora não estivessem explicitamente confirmadas no material de origem, podiam ser associadas, pela lógica, ao cenário descrito. Ainda assim, esse procedimento também merece atenção, porque a dedução plausível não se confunde com informação verificada. Mesmo quando o acréscimo decorre de inferência razoável, permanece a necessidade de distinguir com clareza o que foi efetivamente informado do que foi produzido pelo sistema a partir de extrapolação interpretativa.

No caso do Chatgpt, um exemplo representativo está no acréscimo de formulações que não estavam literalmente presentes no prompt, mas que decorrem de uma interpretação do cenário narrado a partir dos dados fornecidos. Ao mencionar que “a ocorrência mobilizou equipes de atendimento”, que o caso “reforça o alerta para os riscos de dirigir durante a madrugada” e que “os nomes das vítimas não haviam sido divulgados até o fechamento da notícia”, o sistema não introduz propriamente um dado desconectado do acontecimento descrito. Expande o fato por meio de inferências plausíveis extraídas do próprio enunciado inicial. Trata-se, portanto, menos de invenção arbitrária e mais de uma interpretação textual do que foi colocado no prompt. Ainda assim, um problema relevante. O sistema converte em enunciado noticioso algo que resulta de extrapolação interpretativa, e não de apuração efetiva,

o que reforça a necessidade de distinguir, na análise, entre reprodução fiel dos dados, inferência plausível e criação indevida de informação, já que essas extrapolações dão margem a erros.

Considerações finais

O experimento confirma uma capacidade que já não parece trivial, mas tampouco pode ser tomada como sinônimo de jornalismo: ChatGPT e Gemini reproduzem com bastante segurança a arquitetura reconhecível de uma notícia. Título, lide, sublide, citação e ordenação em pirâmide invertida aparecem de modo estável, mesmo quando variam as escolhas lexicais e a disposição das informações. A comparação entre contas anônimas e conectadas, por sua vez, não ofereceu elementos suficientes para sustentar que a condição de acesso tenha produzido diferenças substantivas no resultado. A hipótese mais produtiva, portanto, não foi a da personalização, mas a da proximidade estrutural. É justamente aí que o problema se torna mais interessante.

A aderência à forma conviveu com algo que a forma, sozinha, não permite perceber: os sistemas ultrapassaram a base factual oferecida no prompt. No Gemini, isso ocorreu pela incorporação de informações não confirmadas; no ChatGPT, predominou um movimento mais próximo da inferência plausível. A diferença importa, mas não resolve a questão. Do ponto de vista jornalístico, uma inferência razoável continua sendo diferente de uma informação apurada. O experimento materializa, em escala pequena, a advertência de Bender *et al.* (2021) sobre a capacidade dos modelos de linguagem de produzir sequências plausíveis sem que essa plausibilidade resulte de compreensão ou verificação. Também dá consequência empírica à distinção formulada por Ioscote (2024): elaboração linguística e trabalho jornalístico podem se aproximar na superfície e permanecer bastante distantes no processo que sustenta o texto.

É nesse intervalo que a discussão deixa de ser apenas técnica. Se a notícia depende, como afirmam Kovach e Rosenstiel (2021), de uma disciplina de verificação, sua validade não está contida na fluidez da redação nem na correção de sua estrutura. Nos textos analisados, informações dadas, inferidas e produzidas pelo sistema aparecem sob uma mesma voz enunciativa. Para o leitor, não há necessariamente marcas capazes de indicar onde termina o

material fornecido e onde começa a complementação algorítmica. A opacidade discutida por Canavilhas e Biolchi (2024), portanto, não diz respeito apenas ao funcionamento interno de uma tecnologia proprietária. Ela alcança o próprio estatuto do que é apresentado como informação: de onde veio determinado dado, por que ele foi incluído e que tipo de validação antecedeu sua presença no texto.

Isso também impede que a supervisão humana seja reduzida a uma espécie de revisão final. A literatura sobre jornalismo automatizado já mostrava que a automação redistribui etapas e competências do processo produtivo (Lindén, 2018; Diakopoulos, 2019). A IAG leva essa discussão a outro ponto porque já não apenas preenche estruturas previamente programadas: produz uma superfície textual suficientemente convincente para tornar menos visível a diferença entre composição e apuração. O jornalista não entra apenas depois, para corrigir uma eventual falha do sistema. Pauta, suspeita, escolha de fontes, confronto de versões, contextualização e decisão sobre o que pode ser afirmado fazem parte da constituição da notícia antes de sua redação.

Talvez esteja aí a contribuição mais importante deste experimento. Perguntar se uma IAG consegue escrever uma notícia oferece uma resposta relativamente simples diante do corpus: formalmente, consegue fazê-lo com considerável eficiência. A questão menos simples é saber o que resta do jornalismo quando sua aparência textual pode ser reproduzida sem que tenham ocorrido as operações que historicamente sustentam sua pretensão de validade. Os resultados não autorizam uma oposição absoluta entre trabalho humano e automação, nem indicam que a IAG seja incompatível com a produção jornalística. Mostram, porém, que a automação da escrita torna insuficiente definir o jornalismo por aquilo que aparece no texto. Quanto mais convincente se torna a simulação de sua forma, mais decisivos se tornam os procedimentos — muitas vezes invisíveis ao leitor — pelos quais uma informação é apurada, verificada, situada e assumida editorialmente.

Referências

- BENDER, Emily M.; GEBRU, Timnit; MCMILLAN-MAJOR, Angelina; SHMITCHELL, Shmargaret. On the dangers of stochastic parrots: can language models be too big? *In: ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency*, 2021, Virtual Event, Canada. **Proceedings [...]**. New York: Association for Computing Machinery, 2021. p. 610-623
- BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Jornalismo e inteligência artificial**. 1. ed. Teresina: EdUESPI, 2024.
- CANAVILHAS, João; BIOLCHI, Bárbara. Inteligência artificial e transparência no jornalismo. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 18, n. 2, p. 43-64, 2024.
- CRUZ, Kalynkaç; SANTAELLA, Lúcia. **Jornalismo e inteligência artificial podem caminhar juntos?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2024.
- DALBEN, Silvia. **Cartografando o jornalismo automatizado: redes sociotécnicas e incertezas na redação de notícias por robôs**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- DE-LIMA-SANTOS, Mathias-Felipe. News tech companies transforming media business models in the age of artificial intelligence. *In: SARISAKALOĞLU, Aynur; LÖFFELHOLZ, Martin (org.). The Handbook of Artificial Intelligence and Journalism*. Hoboken: Wiley, 2025. p. 123-138.
- DIAKOPOULOS, Nicholas. **Automating the news: how algorithms are rewriting the media**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019.
- GRAEFE, Andreas. **Guide to automated journalism**. New York: Tow Center for Digital Journalism, 2016.
- IOSCOTE, Fabia. IA generativa: potencial e limitações dos large language models e prompts na produção de notícias. **Revista Uninter de Comunicação**, v. 12, n. 20, p. 59-80, 2024.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **The elements of journalism: what newspeople should know and the public should expect**. 4. ed. New York: Crown, 2021.
- LINDÉN, Carl-Gustav. Algoritmos para jornalismo: o futuro da produção de notícias. **Líbero**, n. 41, p. 5-27, 2018.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, v. 5, n. 10, p. 18-35, 2011.

VERRI, Francisco; JORGE, Thaïs de Mendonça. Valores duradouros brasileiros: a predominância do privado sobre o público. **Pauta Geral – Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 86-104, 2023. DOI: 10.5212/RevistaPautaGeral.v.10.21851

VERRI, Francisco. Jornalismo automatizado e a cobertura das eleições do UOL: características e semelhanças. **Contemporanea – Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 23, n. 1, 2025. DOI: 10.9771/contemporanea.v23i1.67640.

ZANDOMÊNICO, Regina. Inteligência artificial e jornalismo: implicações na redação de notícias e na aquisição do conhecimento. **Pauta Geral**, v. 9, n. 2, p. 1, 2022.

Apêndice I

Texto desenvolvido pelo ChatGPT sem login

Acidente na BR-153 deixa duas mulheres mortas em Marília

Veículo caiu em barranco na madrugada de domingo de Páscoa; suspeita é de que motorista tenha dormido ao volante.

Duas mulheres, de 40 e 37 anos, morreram em um acidente registrado na madrugada de domingo de Páscoa na BR-153, no trecho de Marília. O veículo em que estavam saiu da pista e caiu em um barranco, sendo encontrado com as rodas para cima a cerca de 30 metros da estrada. A ocorrência mobilizou equipes de resgate por volta das 3h30, após acionamento da concessionária responsável pela rodovia.

A concessionária Triunfo Transbrasiliana foi acionada às 03h30 para atender a ocorrência. Ao chegarem ao local, os socorristas encontraram as duas vítimas já fora do veículo e sem sinais vitais, em um cenário que indicava a gravidade do impacto após a saída de pista.

De acordo com a Polícia Rodoviária, há suspeita de que a motorista tenha dormido ao volante, o que pode ter provocado a perda de controle da direção e a queda no barranco. As circunstâncias exatas do acidente ainda serão apuradas.

O socorrista Maurício Ramos descreveu a situação encontrada pela equipe de resgate: “Ao chegarmos à ocorrência, deparamos com as vítimas ejetadas do veículo. O automóvel encontrava-se a cerca de 30 metros da estrada, com as rodas para cima. As mulheres não possuíam sinais vitais”.

Apêndice II

Texto desenvolvido pelo Gemini sem login

Acidente deixa duas mulheres mortas na BR-153 no trecho de Marília

Veículo caiu em um barranco na madrugada de Páscoa; suspeita é de que a condutora tenha dormido ao volante.

Duas mulheres, de 37 e 40 anos, morreram em um grave acidente na BR-153, em Marília, durante a madrugada deste domingo de Páscoa. O veículo em que as vítimas viajavam saiu da pista e caiu em um barranco, mobilizando equipes de resgate da concessionária Triunfo Transbrasiliana por volta das 03:30. A Polícia Rodoviária Federal trabalha com a principal hipótese de que a motorista tenha dormido ao volante antes de perder o controle da direção.

De acordo com informações das autoridades de trânsito, o impacto foi severo e o carro percorreu uma distância considerável para fora do acostamento. O socorrista Maurício Ramos, da concessionária que administra o trecho, descreveu o cenário encontrado pelas equipes de emergência: “Ao chegarmos à ocorrência, deparamos com as vítimas ejetadas do veículo. O automóvel encontrava-se a cerca de 30 metros da estrada, com as rodas para cima. As mulheres não possuíam sinais vitais”.

A perícia técnica foi acionada ao local para coletar evidências que ajudem a confirmar a dinâmica do capotamento. Os corpos foram encaminhados ao Instituto Médico Legal (IML) de Marília para exames necroscópicos e posterior liberação às famílias. Não houve interdição total da rodovia, uma vez que o veículo parou fora da faixa de rolamento, permitindo que o fluxo de veículos seguisse com lentidão apenas durante o trabalho das equipes.

Este trecho da BR-153 é conhecido pelo relevo acidentado, o que exige atenção redobrada dos motoristas, especialmente em horários de baixa visibilidade. A ocorrência foi registrada na Central de Polícia Judiciária de Marília e as causas oficiais do acidente serão detalhadas em laudo pericial a ser divulgado nos próximos trinta dias.

Apêndice III

Texto desenvolvido pelo ChatGPT, logado na conta pessoal de Francisco Verri

Duas mulheres morrem em acidente na BR-153, em trecho de Marília

Carro saiu da pista e caiu em barranco na madrugada de domingo de Páscoa; Polícia

Rodoviária suspeita que a motorista tenha dormido ao volante.

Duas mulheres, de 40 e 37 anos, morreram em um acidente registrado na madrugada de domingo de Páscoa na BR-153, no trecho de Marília. O veículo em que elas estavam saiu da pista e caiu em um barranco. A concessionária Triunfo Transbrasiliana foi acionada às 3h30 para atender a ocorrência.

De acordo com informações apuradas no local, a Polícia Rodoviária trabalha com a suspeita de que a motorista tenha dormido ao volante, o que teria provocado a saída do carro da pista. As circunstâncias exatas do acidente, no entanto, ainda devem ser apuradas pelas autoridades responsáveis.

Segundo Maurício Ramos, socorrista da pedagiadora, a equipe de resgate encontrou o automóvel em uma área afastada da rodovia, já com as vítimas sem vida. “Ao chegarmos à ocorrência, deparamos com as vítimas ejetadas do veículo. O automóvel encontrava-se a cerca de 30 metros da estrada, com as rodas para cima. As mulheres não possuíam sinais vitais”, afirmou.

A ocorrência mobilizou equipes de atendimento e reforça o alerta para os riscos de dirigir durante a madrugada, especialmente em períodos de cansaço. Os nomes das vítimas não haviam sido divulgados até o fechamento desta notícia.

Apêndice IV

Texto desenvolvido pelo Gemini, logado na conta pessoal de Francisco Verri

Acidente na BR-153 deixa duas mulheres mortas em Marília no domingo de Páscoa

Duas mulheres, de 37 e 40 anos, morreram em um grave acidente na madrugada deste domingo de Páscoa, na rodovia BR-153, no trecho de Marília. O veículo em que as vítimas viajavam saiu da pista e caiu em um barranco por volta das 03h30. A concessionária Triunfo Transbrasiliana foi acionada imediatamente para o local, mas as ocupantes não resistiram aos ferimentos.

A Polícia Rodoviária trabalha com a suspeita principal de que a motorista tenha dormido ao volante, perdendo o controle da direção antes da queda. O impacto foi severo e o automóvel parou a uma distância considerável do leito asfáltico. Equipes de resgate e perícia técnica foram mobilizadas para realizar os procedimentos de segurança e a retirada dos corpos.

O cenário encontrado pelas equipes de socorro foi descrito como crítico devido à força do capotamento. Segundo Maurício Ramos, socorrista da pedagiadora que atendeu o chamado: “Ao chegarmos à ocorrência, deparamos com as vítimas ejetadas do veículo. O automóvel encontrava-se a cerca de 30 metros da estrada, com as rodas para cima. As mulheres não possuíam sinais vitais”.

Os corpos foram encaminhados ao Instituto Médico Legal (IML) de Marília para os exames de necropsia e identificação oficial. O trânsito na região não sofreu interrupções significativas durante o atendimento, e a Polícia Civil deve abrir um inquérito para confirmar as causas definitivas da tragédia.

Dados de Autoria

Francisco Verri

E-mail: chicoverri@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7725-4477>

Instituição: Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

Minibiografia: Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (PPGCOM-UnB). Docente no curso de Comunicação e Multimeios da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Thaís de Mendonça Jorge

E-mail: thaisdemendonca@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7995-7838>

Instituição: Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Minibiografia: Pós-doutorado em Comunicação pela Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal). Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade de Brasília (PPGCP-UnB). Docente aposentada da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Dados do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:

Não se aplica.

Fontes de financiamento:

Não se aplica.

Apresentação anterior:

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:

Não se aplica.

Apenas para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa:

Francisco Verri, Thais de Mendonça Jorge.

Coleta de dados:

Francisco Verri.

Análise e/ou interpretação dos dados:

Francisco Verri, Thais de Mendonça Jorge.

Escrita e redação do artigo:

Francisco Verri, Thais de Mendonça Jorge.

Revisão crítica do conteúdo intelectual:

Francisco Verri, Thais de Mendonça Jorge.

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós:

Francisco Verri.

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não se aplica.

Liste os financiadores da pesquisa:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não se aplica.

Que interferências foram detectadas?

Não se aplica.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo

Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Registro dos prompts utilizados e dos textos produzidos com apoio das ferramentas de Inteligência Artificial ChatGPT e Gemini, conforme detalhado na declaração apresentada no campo seguinte.

Declaração de uso de Inteligência Artificial

Declara-se que, durante a elaboração deste artigo, foram utilizadas as ferramentas de Inteligência Artificial ChatGPT e Gemini como apoio a estruturação metodológica do trabalho. Os prompts, presentes abaixo, empregados e os textos produzidos com auxílio dessas ferramentas foram devidamente registrados de modo a assegurar transparência quanto à sua utilização no processo de produção do trabalho. A versão final do artigo, bem como as decisões teóricas, metodológicas, analíticas e interpretativas, permanecem sob responsabilidade integral dos autores.

Prompt utilizado:

Olá,

Escreva uma notícia, dentro de uma estrutura convencionada pelo jornalismo, constando título, linha fina, lide, sublide e no formato de pirâmide invertida. O texto deve conter quatro parágrafos e incluir a citação e informações abaixo:

Acidente deixa dois mortos na BR-153 no trecho de Marília

Os mortos eram duas mulheres. Uma de 40 anos e outra de 37

O veículo caiu num barranco.

A Polícia Rodoviária suspeita que a motorista dormiu no volante

A Triunfo Transbrasiliana foi acionada às 03:30 no domingo de páscoa

Citação: “Ao chegarmos à ocorrência, deparamos com as vítimas ejetadas do veículo. O automóvel encontrava-se a cerca de 30 metros da estrada, com as rodas para cima. As mulheres não possuíam sinais vitais” – Maurício Ramos, socorrista da pedagogadora.